

Leitura: entre o fascínio e o pensamento(2)

*Para Anita e Zezão,
que gostam tanto de ler.*

Nosso tema, a leitura, é algo tão simples e tão complexo, a uma só vez, que é possível falar dele como coisa corriqueira e levar longuíssimo tempo tentando entendê-lo, por múltiplos lados. Com certeza, seria matéria para um curso todo.

Como estímulo para um diálogo, tratarei de algumas reflexões sobre a leitura ou, mais precisamente, sobre a experiência da leitura, tomando por guia alguns grandes leitores. Deixarei de lado questões técnicas da leitura crítica - do comentário, da análise e da interpretação da obra literária -, para concentrar-me em algumas idéias gerais que grandes leitores tiveram sobre o ato de ler, que é, evidentemente, a atividade central da nossa tarefa de professores de Literatura, empenhados na formação de outros leitores.

Todos nós que nos dedicamos ao estudo da Literatura - estudantes, professores, futuros professores e, eventualmente, críticos literários - partilhamos essa experiência comum da leitura, que de tão banal já não parece provocar mais nosso espanto. O primeiro passo, sempre difícil, talvez seja esse de resgatar o poder de surpresa desse ato trivial que nos ocupa cotidianamente.

Com efeito, a leitura é sempre alguma coisa espantosa: passamos a vida a decifrar, de algum modo, o mundo através das letras, dos livros. Em grau maior ou menor, somos tateadores sobre letras. É por esse tateio que tentamos reconhecer o mundo que nos cerca e a nossa própria face nesse vasto mundo. Vamos dizer que a experiência da leitura é a nossa aventura, a história romanesca em que penetramos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta infantil permanece sempre nessa experiência: "Et nunc manet in te". Como nesse verso atribuído a Virgílio, algo nos passa e fica. É que ela é, em grande parte também, nossa aventura, nossa felicidade.

1 Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada; Chefe no Depto. de Teoria Literária e Literatura da USP.

2 Notas de uma conferência.

A primeira idéia que gostaria de comentar diz respeito aos leitores que viram na leitura uma forma de felicidade. Evidentemente, num país pobre, precário e desgovernado como este em que vivemos, sabemos que essa felicidade é privilégio de poucos e que devemos estender essa felicidade o quanto possível. Entretanto, essa dificuldade não nos deve fazer esquecer este fato fundamental: a leitura pode ser uma forma de felicidade.

Com as primeiras experiências de leitura, como podemos comprovar no processo de aprendizagem das crianças, sabemos o quanto há de lúdico, de livre jogo, e de prazer na leitura. Basta observar os desacertos da criança no emprego incipiente das palavras, que por vezes são acertos parecidos aos dos grandes poetas. Isto é, quando a criança começa a ler, a selecionar e a combinar as novas palavras ainda mal-soletradas, brinca com elas e se arrisca a reordenar a linguagem conforme o seu desejo. Vai exercitando esse poder mágico de mudar a face das coisas tal qual se representa nas palavras, e por encontros insólitos, análogos aos das imagens poéticas, de algum modo descobre um meio de reinventar o mundo. A experiência da leitura tem, de fato, esse poder de estranhamento, essa energia de acender a imaginação, despertando sua capacidade transformadora, seu poder de fogo de ligar inusitadamente em novas unidades o simplesmente dado: abertura para o que poderia ser.

É um pouco sobre esse núcleo de o que ler da substância que nos passa durante a leitura e de nossa capacidade de inventar sobre aquilo que nos passa que vou tratar através de alguns grandes leitores. Começo por um que talvez seja, em nossa tradição da literatura ocidental, dos primeiros que pensaram, no sentido que me interessa agora, o problema do leitor e da felicidade da leitura. É um leitor do início da era moderna e de certa forma o pai, o inseminador de todos os ensaístas. Penso em Michel de MONTAIGNE, escritor francês do século XVI, que um belo dia, lá pelos seus 37 anos, resolveu se afastar do mundo, levando os livros, para se dedicar à tarefa de ler.

MONTAIGNE tem, como se sabe, idéias notáveis sobre a leitura. Em seu famoso livro, nos Ensaios, há um capítulo – "Dos livros" – em que fala um pouco de sua experiência de leitor. Em seu afastamento do mundo, sua dedicação aos livros foi a forma que encontrou para se situar de fato no mundo. Afastou-se para ler melhor, para considerar mais claramente sua própria face de homem, em toda a sua integridade.

Nesse sentido, MONTAIGNE foi dos primeiros, se não o primeiro, a inaugurar, na tradição moderna, a tendência de se colocar o próprio homem na tela de juízo, tornando essa decifração pela leitura o objeto central do conhecimento. Assim sendo, como já se notou, ele é um precursor dos grandes pensadores que formam nossos modos de ver o homem e o mundo no século XX, ou seja, um precursor de NIETZSCHE, de FREUD e de MARX.

São esses pensadores três grandes decifradores do verdadeiro rosto do homem⁽³⁾. Sob a capa da ideologia, MARX desvenda a face do interesse e sua base material, fundada nas condições do trabalho e nos vínculos sociais de classe. Com FREUD, o inconsciente se revela como o lado escuro e por vezes sombrio da personalidade. Através de NIETZSCHE, a questão dos valores assoma ao primeiro plano. Três decifradores, e por eles a decifração se volta para o próprio homem; esse processo começa, de algum modo, com MONTAIGNE.

³ Nesse sentido, ver, por exemplo, Michel FOUCAULT. Nietzsche, Freud, Marx. In: Nietzsche. (Cahiers de Royaumont, Philosophie, n. VI). Paris: Minuit, 1968.

Esse escritor francês tão cheio de argúcia, graça e sabedoria, tratando "Dos livros" confessa a certa altura que é incapaz de fazer qualquer coisa sem alegria: "*Je ne fay rien sans gayeté*"(4). O ato de ler, para MONTAIGNE, é uma forma dessa alegria. Uma fonte dessa alegria.

O que tirava ele da leitura? Em seu aparente isolamento, dedicado aos livros, a leitura era para ele uma fonte de divertimento e prazer. Mas era um prazer e um divertimento que o levava sobretudo a uma ciência. À ciência do conhecimento de si mesmo. MONTAIGNE, pela primeira vez, diz que vai falar de um assunto para o qual está mais bem-aparelhado que qualquer outro dentre os homens, pois vai falar de si mesmo. Então, os livros e a leitura constituem o meio que encontrou para entender sua própria face. Mas isto, voltando-se para as formas do bem-viver e do bem-morrer. Ou na ordem de que trata: do bem-morrer e do bem-viver.

A leitura é também um caminho da sabedoria. Pela leitura, do fascínio da leitura, MONTAIGNE passa a uma forma de pensamento, de um pensamento sobre a morte, uma espécie de filosofia. Conforme diz, noutro ensaio, filosofar é um modo de aprender a morrer. A leitura é, portanto, um caminho para a aprendizagem da morte, sem o qual, para MONTAIGNE, não se pode aprender a viver. Para esse homem moderno que se quer entender, os livros que dão tanto divertimento e prazer podem também guardar a fonte do conhecimento de si mesmo, que brota do conhecimento da morte.

Tantos séculos depois, um leitor contemporâneo nosso, "um contemporâneo capital", como disse MALRAUX a propósito de GIDE, volta à idéia de não se fazer nada que não traga alegria e reconhece nos livros a mesma fonte recorrente. Trata-se do escritor argentino Jorge Luís BORGES, que foi um dos mais extraordinários leitores de que temos notícia em nosso tempo, a ponto de sua obra poder ser considerada, em muitos sentidos, como uma larga reflexão sobre a leitura.

Com BORGES, fica patente todo o tempo esse misto de aventura e ventura que é a experiência do leitor. Referindo-se a MONTAIGNE, cuja alegria de leitor não se cansa de louvar, afirma que a leitura obrigatória é para ele uma coisa inconcebível, já que nenhuma felicidade pode ser obrigatória(5). A leitura é um espaço de liberdade e imaginação: é o lugar da aventura.

No prefácio à primeira edição da sua *História Universal da Infâmia*, de 1935, BORGES escreve esta frase assombrosa: "As vezes creio que os bons leitores são cisnes mesmo mais tenebrosos e singulares que os bons autores"(6). E logo acrescenta que ler, sendo uma atividade posterior à de escrever, é também "mais resignada, mais civil, mais intelectual". Em larga medida, no entanto, escrevemos porque lemos antes, e BORGES é o primeiro a saber disto, pois é da leitura que tira constantemente o móvel de sua escrita.

Na verdade, esse movimento entre a leitura e a escrita dá um eixo contínuo para a reflexão de BORGES, como se no comentário das leituras descobrisse sempre a aventura máxima do espírito, a grande experiência. Ele sabidamente elege a biblioteca como espaço ideal, onde o menino que ele foi redescobre a cada passo o mesmo

4 Cf. MONTAIGNE. *Essais*. Tente établi et anoté par Albert Thibaudet. Paris: NRF, 1939. p. 391. (Col. Bibliothèque de la Pléiade).

5 Cf. "El libro". Em: Borges, oral. Buenos Aires: Emecé Editores/Editorial Belgrano, 1979. p. 21.

6 Cf. *História universal de la infamia*. Em suas: *Obras completas*. 4ª Impr. Buenos Aires: Emecé, 1984. v. II, p. 7.

7 Op. Cit., p. 8.

mas também o autor de um ensaio sobre a leitura, que apresentou primeiro na forma de conferência, em 1864, e que depois juntaria a outra, sobre o papel da mulher, num livro mais tarde traduzido e prefaciado por PROUST: *Sésame et les Lys* (1905)(9).

PROUST, que decerto se encantou com as frases límpidas, de duradoura cadência e delicada composição de RUSKIN, se aproxima também com simpatia de suas idéias sobre a leitura, vertidas no "ouro apolíneo" de sua prosa, "no qual se dissipam as brumas inglesas", mas vai além delas, apontando-lhes os limites. A sua crítica à idéia de que a leitura dos bons livros é uma espécie de conversação com os grandes homens que os escreveram ao longo dos séculos passados incide precisamente no ponto em que a sedução do leitor deve-se transformar em abertura ao pensamento. PROUST critica sobretudo o papel preponderante que a leitura deveria desempenhar na vida, segundo RUSKIN, mostrando, na verdade, o limite da leitura, apesar de sua indiscutível importância.

Para tanto, começa por uma longa evocação, de páginas e páginas, de suas leituras de infância, não para falar delas, mas para tratar de outras coisas diferentes de livros, porque não era exatamente deles que elas lhe falaram, como ele mesmo observa. Evocando com a profusão de detalhes circunstanciais que lhe é característica suas leituras de menino durante certas férias de verão, recria morosa e amorosamente, com admirável senso do concreto, o tempo e o espaço dessas leituras: a cadeira onde se sentava, o quarto e a sala de refeições, as pessoas que entravam e saíam, as flores pintadas no prato da parede, a hora do dia, a luz, enfim, tudo quanto rodeava o menino isolado com o livro preferido. São de fato muitas páginas de descrição do encantamento a que foi levado pela atividade solitária de leitor. Não surpreende que logo depois defina a leitura como uma espécie de "milagre fecundo de uma comunicação no seio da solidão", pois nos dá por essa fulgurante narração da experiência da infância o poder de fascínio da leitura sobre o espírito de um menino recolhido no isolamento.

Mais tarde, o Narrador de *Em Busca do Tempo Perdido* nos dirá que "o amor é o espaço e o tempo tornados sensíveis ao coração", frase famosa de A Prisioneira. Mas por aquela evocação da leitura infantil já aprendemos isto: a leitura nos leva para o espaço e o tempo sensíveis ao coração, o que é, para não dizer mais, uma forma de felicidade para o menino.

A reflexão de PROUST sobre a leitura atinge ainda mais longe. Quando vinte anos depois da experiência infantil busca a razão do encantamento no livro que então lia, O Capitão Fracasso, de Théophile GAUTIER, descobre as três frases de que tanto gostou, mas reconhece também que justamente elas não diziam tudo o de que gostara e, em vão, perseguiu em outros livros de GAUTIER a continuação do fascínio. Sem jamais poder encontrar de todo o que ali buscara, PROUST dá com o verdadeiro limite da leitura: onde GAUTIER escrevia **conclusão**, ele lia **Incitação**.

Digamos que o que a leitura é capaz de nos dar é algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender o desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva ao limiar da vida do espírito, mas não a constitui. Quem deve constituir a vida do espírito é o leitor; ou seja, o leitor deve, de algum modo, inventar, descobrir por si mesmo.

9 O ensaio de RUSKIN, sob o título *Tesourarias reais*, teve também tradução para nossa língua. Ver: *Ensaístas ingleses*. Pref. e seleção de Lúcia Miguel Pereira. Trad. J. Sarmento de Beires e Jorge Costa Neves. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1958. p. 323-392.

O leitor que, preguiçosamente, apenas reproduz o que leu, o leitor que fetichiza o livro, seja como mercadoria, seja como objeto bonito, como mania de bibliófilo, este não é exatamente o leitor proustiano. O leitor proustiano é o que pensa através das conclusões que vêm dos outros, que inventa por si a partir do desejo aceso pela leitura. Com isto, PROUST mostra que o ato de ler é, na verdade, dos mais complexos, porque não podemos ir além do que ali se diz e, no entanto, precisamos ir além do que ali se diz, imaginação à solta.

Este paradoxo é provavelmente um dos paradoxos centrais da crítica literária e de todo pensamento teórico sobre a literatura, do ângulo da leitura. Um dos maiores críticos franceses, SAINT-BEUVE, que PROUST glosou com fina ironia em pastiche certeiro, afirmou certa vez que o crítico é o homem que sabe ler e que ensina os outros a ler.

Ensinar os outros a ler, nós sabemos o quão difícil é. Com efeito, ensinar a ler, no sentido mencionado, é ensinar a inventar sem trair, ensinar a pensar a partir do fascínio da leitura. Isso quer dizer que quando se dá, verdadeiramente, o milagre fecundo da leitura, tem-se de fato a passagem de algo, uma chispa talvez para o leitor, ou seja, se efetiva de forma profunda uma comunicação na solidão.

Por aí, através da leitura, se descobre a imensa rede de solidões a que estamos de algum modo presos. Por ela, nesse diálogo mudo, construímos a imagem do outro, e no seio da solidão e da linguagem, encaramos o universo social a que pertencemos. Pela leitura, de dentro do isolamento, podemos redescobrir fascinados o mundo e as formas fundamentais de pensá-lo.

Estes leitores – MONTAIGNE, BORGES, PROUST, SAINT-BEUVE –, não sendo os únicos, são grandes guias para a leitura e aqui nos propiciaram, com seu prazer de leitores e por seu estímulo ao diálogo, a trajetória rumo à leitura crítica: neste umbral é preciso agora calar.